

## Renato Epifânio

*Visões de Agostinho da Silva: De Portugal e do Brasil –  
Da Galiza, da Ibéria e da Europa –  
Da Sociedade de Hoje e do Homem de Sempre*  
Corroios, Portugal: Zéfiro, 2006. 59 p

### Visão culturalista sobre o pensamento de Agostinho da Silva

Com a publicação, em 2006, de *Visões de Agostinho da Silva*, de Renato Epifânio, consolidou-se a perspectiva culturalista sobre a obra deste pensador português do século XX. Com efeito, os três ensaios constantes deste livro de Renato Epifânio demarcam-se claramente de uma visão exclusivamente espiritual, centrada no fundo filosófico-teológico da obra de Agostinho da Silva, para postularem o enraizamento do seu pensamento numa “situação” histórico-cultural específica. Neste sentido, segundo Renato Epifânio, “a via da plena realização [humana] passa, na nossa perspectiva, pelo aprofundamento do sentido de uma cultura, da mundividência que lhe subjaz. De outro modo, ela será apenas uma via geral: mais facilmente generalizável, mas não muito mais do que isso” (p. 58). Não negando a prevalência em Agostinho da Silva de uma “via para a plena realização espiritual” (*ibidem*), é porém no “aprofundamento das virtualidades de uma língua [e, logo, de uma cultura] que o discurso filosófico pode emergir enquanto tal” (*ibidem*). Deste modo, o autor considera que a via filosófica proposta por Agostinho da Silva emerge justamente no momento histórico da “era do vazio” (Gilles Lipovetsky), cúmulo de uma acentuada descristianização da sociedade, idade do niilismo e do ateísmo, era da “assunção do Nada” no dizer de José Marinho, à qual Agostinho da Silva intenta dar resposta por via do resgate e aprofundamento da imagem arquetipal do Quinto Império ou da Idade do Espírito Santo, um dos traços fundamentais da cultura portuguesa. A reacção de Agostinho da Silva é, assim, uma resposta eminentemente espiritual, mas, segundo Renato Epifânio, ela é também, enquanto espiritual, eminentemente e “primeiramente uma realização cultural” (p. 57).

Neste sentido, o caminho para a superação do vazio ontológico actualmente preponderante passaria, no entender do autor, pelos “múltiplos caminhos de realização espiritual: *a priori* tantos quantos o número de culturas” (p. 57), de que a obra de Agostinho da Silva se constitui como um dos caminhos possíveis. Aprofundar os cânones espirituais da cultura abriria assim o horizonte de uma nova realização espiritual, transcendendo o individualismo, o cepticismo e o pessimismo hoje pertinentes e vinculativos. No caso da cultura portuguesa e no caminho aberto por Agostinho da Silva, esta realização espiritual consistiria na retomada do pensamento sobre o Quinto Império ou a Idade do Espírito Santo, o estado ou o “espaço-tempo em que todas as comunidades, todos os povos, possam, de forma inteiramente livre, assumir, de modo pleno, a sua cultura” (p. 58). Deste modo, Renato Epifânio estatui a obra de Agostinho da Silva como a mais ingente reflexão sobre o “íntimo sentido da cultura portuguesa” (p. 13), não só no sentido teórico ou teorético, mas sobretudo no sentido prático ou práxico, enquanto reabertura de caminho no horizonte de uma ressurreição do ser universal do português como mediador cultural. Neste sentido, mais do que a de um filósofo teorético, a obra de Agostinho da Silva é enformada, segundo o autor, de um novo sentido para a cultura portuguesa, que, verdadeiramente, resgata toda a história existencial do povo português, revelando-lhe, à beira do século XXI, o seu genuíno estatuto de mediador universal entre culturas díspares. Por isso, Renato Epifânio, no seu estudo, dando forma à ancoragem da cultura na história, húmus temporal desta, sente necessidade de balizar a historiografia singular da história de Portugal, evidenciando-lhe o percurso e as marcas essenciais. É justamente do que tratam o primeiro e o segundo ensaios do seu livro. O primeiro, *Do Portugal e do Brasil*, evidencia o cumprimento do destino da cultura portuguesa, por via da sua realização no Brasil, após o bloqueamento institucional e cultural sofrido por Portugal no final da empresa dos Descobrimentos, na segunda metade do século XVI, e após a irrupção cultural da Europa aquando da segunda Expansão Ultramarina. Os melhores de Portugal tinham abandonado Portugal, espalhando-se pelo vasto território do Império, nomeadamente o do Brasil. Não sendo já em absoluto Europa, mas também não permanecendo o Portugal medieval católico, comunitarista e municipalista, Renato Epifânio evidencia como Portugal, para Agostinho da Silva, permaneceu numa posição cultural ambígua e dramática de cruzamento entre os seus arcanos genuínos e a influência da Europa mercantilista, protestante e racionalista. Segundo Renato Epifânio, Agostinho da Silva considera *Mensagem*, de Fernando Pessoa, o resgate deste Portugal bloqueado e interrompido no seu

destino pela invasão da influência cultural da Europa Central, realçando ser actualmente o momento de Portugal se resgatar a si próprio, resgatando a Europa, findando com a decadência de ambos numa “outração de si” (p. 26), que levaria o primeiro ao desaparecimento como elemento universal mediador entre culturas, realizando-se pela consumação do seu desaparecimento (“Portugal, por já não ser, será”), dando lugar a um outro e radicalmente diverso horizonte cultural e a uma nova sociedade: “Assim, tal como ocorre no poema pessoano [refere-se às três partes em que se divide *Mensagem*], corresponde o ‘primeiro Portugal’ a uma inicial instância ôntico-temporal: o ser-tempo em que Portugal visava ainda, tão-só, a plena delimitação das suas fronteiras, da sua substancialidade identitativa. (...) O ‘segundo Portugal’, por sua vez, já não procurou ser apenas o que era, assim impondo a si e aos outros o seu próprio ser, mas procurou igualmente o ‘para além de si’, iniciando a sua viagem (...)” Do “terceiro Portugal”, ou seja, do Portugal que já não procura ‘firmar fronteiras’ – ainda nas palavras de Agostinho da Silva: (...) ‘É um Portugal que não tem seu centro em parte alguma e cuja periferia será marcada pela expansão de sua língua e da sua cultura de *Pax in excelsis* que ela levar consigo (...): [é] o Portugal da Hora, o Portugal de Bandarra, de Vieira e da *Mensagem*” (pp. 26, 27 e 28). Ostentando sempre uma visão culturalista da obra de Agostinho da Silva, Renato Epifânio conclui: “Ao invés, o que Agostinho da Silva defende é que cada um de nós, por extensão, cada comunidade, se assuma, o mais possível, na sua relativa diferença. Não porque essa diferença seja, de alguma forma, superior a qualquer outra. De modo algum. Tão-só só porque é nossa, porque é ela que funda a nossa singularidade. Tão-só. Não se trata aqui, com efeito, de afirmar qualquer espécie de superioridade de uma cultura relativamente as outras. Todas são igualmente verdadeiras, na medida em que sejam genuínas. De resto, a verdade não está, à luz desta visão, em nenhuma cultura em particular. De modo algum. Quanto muito está em todas: não – ressalve-se – na síntese de todas elas, mas na pluralidade irreduzível de todas elas” (p. 29).

O segundo ensaio, “Da Galiza, da Ibéria e da Europa”, entende a Galiza como “raiz principal de Portugal” (p. 40), segundo uma visão iberista da cultura portuguesa. Nos contínuos conflitos entre Portugal e Castela, Agostinho da Silva defende a interpretação de uma Ibéria descentralizada, do estabelecimento de regiões autónomas, produto e produtoras de culturas genuínas, opositora à centralização estatal e à uniformização cultural. Esta visão histórica de Agostinho da Silva – no entender de Renato Epifânio –, é garantia de que numa Ibéria unida e federada nunca Madrid poderia ou poderá exercer a

sua centralização política. Neste sentido, e só neste, Agostinho da Silva é um “iberista”, como o provam as cartas deste autor a António Quadros que Renato Epifânio cita (pp. 43-45). Do mesmo modo, Renato Epifânio evidencia ser Agostinho da Silva um “europeísta” (p. 45), mas um “europeísta” defensor dos valores culturais emergentes na Europa do Mediterrâneo, opostos a “outra” Europa, a setentrional, a da cultura científica, mercantilista, protestante e centralista, que intentaria fazer de Portugal uma nova “Dinamarca”. Neste sentido, a afirmação de Portugal reside sempre – na visão interpretativa de Agostinho da Silva por Renato Epifânio –, no cumprimento pleno da sua realização histórica, que outra não é que o resgate “da nossa tradição cultural” (p. 47).

*Miguel Real*